

VARIETY 8
AUTOR: SEVERINO MILANÊS

Proprietaria: Viúva José Bernardo da Silva

História das Três Princesas Encantadas



Autor: Severino Milanês
prop: viuva José Bernardo

As 3 Princesas Encantadas

Nos campos da Palestina
o sol surgia dourado
suas palhetas de ouro
cobria a relva e o prado
envolvendo a natureza
num manto todo azulado

O vento agitava o campo
na folhagem sibilava
na copa dos arvoredos
o beija flor rutilava
a natureza tranquila
nessa hora despertava

O passarinho saudoso
soitava sua canção
a brisa suavemente
cortava na amplitude
a noite deixava o dia
em completa confusão

As abelhas nessa hora
sugavam o néctar da flor
as ovelhas pelo campo
acompanhavam o pastor
a natureza curvava-se
aos pés do Criador

Nessa hora rica e santa
três rapazes se achavam
com três cachorros de fila
aos montes se encaminhavam
no pé duma grande serra
há cinco dias caçavam

Um deles era Agripino
era muito presunçoso
o segundo era Maurilo
um tipo pretencioso
o terceiro era Agenor
dos três o mais valoroso

Agenor era um rapaz
de forte musculatura
as feras ouviam o seu grito
temiam a sua bravura
tinha um metro e noventa
centímetros de altura

Aonde Agenor caçava
cobra corria assombrada
o tigre perdia o salto
leão deixava a morada
a fera que o enfrentasse
morria na sua espada

Um dia esses três rapazes
subiram uma colina
em cima havia uma fonte
jorrando água cristalina
na sombra de um pinheiro
de folhagem verde e fina

Eles descansaram ali
 gozando as horas suaves
 a fonte lhe oferecia
 suas águas impagáveis
 todos três se divertiam
 com o gorgaleo das aves

Assim passaram dois dias
 então no dia terceiro
 Agenor disse: amanhã
 aqui quem chegar primeiro
 espere um pelo outro
 na sombra dêste pinheiro

Agenor chamou seu cão
 partiu furiosamente
 Agripino encaminhou-se
 para o lado do nascente
 Maurilo tomou seu ponto
 para o lado do poente

Com poucas horas Agenor
 lutava com um leão
 a fera estava faminta
 rolava pedra no chão
 voava terra no corpo
 fazia rombo no chão

O leão ergueu as jubaes
 ligeiramente pulou
 Agenor pulou de banda
 com a espada o cravou
 o cão fez presa na goela
 num instante estranguleu

Agenor disse: eu agora
vou um pouco descansar;
depois pegou a espada
começou a esfolar
da fera só quis o couro
deixou a carne ficar

Então sem perda de tempo
seguiu em busca da caça
subiu a um grande monte
viu embaixo uma fumaça
ali havia uma pedra
alva como uma vidraça

Era uma grande pedra
muito bem esquadrejada
em cima havia uma marca
dum modo bem desenhada
da forma de uma porta
parecendo uma entrada

Ele sentou-se na pedra
contemplou a pradaria
examinou bem a marca
que naquela pedra havia
lhe parecendo que ali
alguém entrava e saía

Agenor olhava a pedra
alva e bem calcionada
fazia mil pensamentos
terminava tudo em nada
só lhe parecia ser
uma cidade encantada

Ele aí mudou a vista
sem ter um atennante
a marca que éle viu
abriu-se naquele instante
mas ôle não presseentiu
essa passagem importante

Agenor pelo que viu
ficou impressionado
dizia dentro de si:
será um reino encantado?
de dentro vinha um perfume
que o deixou embriagado

Santo Deus, que pedra é essa?
êle consigo dizia;
olhava pra todo lado
nada mais aparecia
só via mesmo o desenho
porta mais não existia

Nesta hora a noite vinha
estendendo o negro manto
Agenor ali deitou-se
e o eão no mesmo canto
como quem dizia ao dono:
dorme que eu te garanto

Ele dormindo sonhou
que viu um corpo suspenso
de uma meça tão bonita
de um poderio imenso
que lhe disse: Agenor
ou ainda te pertença

No sonho lhe perguntou:
 de onde vieste agora?
 tu és princesa encantada?
 ela disse sem demora:
 sou a princesa Esmerina
 do Reino da Branca Aurora

—Tenho mais duas irmãs
 de cabeleiras onduladas
 de formosura tão rara
 com os anjos comparadas
 por causa dum cartomante
 estamos aqui encantadas

—Esse infeliz cartomante
 pretendia a minha mão
 eu recusei e êle
 pelo seu mau coração
 transformou o reino em pedra
 vivemos na solidão

Ele transformou nós três
 em três retratos somente
 nos colocou em um quadro
 oh! coração de serpente!
 somos gentes sem ter vida
 temos vida sem ser gente

—Até que apareça aqui
 um jovem bem destemido
 que entre de pedra adentro
 lute e vença tal bandido
 mas por capricho da sorte
 isto não foi concedido

Nesse sonho êle colhia
da princesa o riso doce
o cão ladrava na pedra
e Agenor acordou-se
tinha a noite terminado
e o dia apresentou-se

Ele chamou o seu cão
seguiu sem perder roteiro
Maurilo com Agripino
tinham chegado primeiro
já lhe esperavam na fonte
na sombra do pau piabeiro

Ele abraçou os colegas
sentou-se instantaneamente
Maurilo notou que êle
estava com ar diferente
tanto que lhe perguntou:
se êle estava doente

— Não estou doente, diz ele
porém existe um motivo
vou explicar a vocês
não sei se é positivo
o que passou-se comigo
faz-me ficar pensativo

Ele em poucos minutos
narrou toda a occorrida
como matou o leão
sem por êle ser ferido
da pedra que encontrou
e do sonho que tinha tido

-Sendo assim, disse Agripino
será grande novidade
amanhã nós seguiremos
com a maior brevidade
vamos olhar esta pedra
tirar a realidade

Na manhã do outro dia
seguiram então todos três
até que viram a pedra
com a sua polidez
ainda estava mais bela
do que da primeira vez

Viram a marca na pedra
da forma de um declive
sem chave e sem cadeado
pra eles aquilo era horrível
só não viram mesmo o senho
porque era impossível

Eles concordaram ali
achando que merecia
dormirem na mesma pedra
e caçarem no outro dia
para ver se de grandeza
alguma coisa se via

Depois desta concordata
cada um se preveniu
porém num fechar de olho
a dita pedra se abriu
eles estavam em conversa
nenhum dos três presentiu

Quando êles viram a entrada
 que de pedra a dentro ia
 e um perfume suave
 da mesma pedra saia
 como se fosse um reciato
 da mais alta burguezia

Maurito disse: Agenor
 a situação é séria
 ou é reinado encantado
 ou é morada funéria
 dos espiritos invisíveis
 desligados da matéria

Agenor disse: agora
 o que devemos fazer
 é um cesto de cipó
 e uma corda se tezer
 se amarra o cesto com ela
 e dentro dela descer

-Tira-se muito cipó
 um tece e outro repuxa
 tece-se uma corda forte
 torra-se o cesto com bucha
 quem tiver coragem desse
 o medroso é quem puxa

Concordaram e cada um
 agarrou a sua espada
 um cortava outro trazia
 numa palestra animada
 Agenor ficou na pedra
 espreitando a grande entrada

Até que fizeram o cesto
que cabia uma pessoa
teceram mais uma corda
sem fazerem senha à tã
com cem metros de tamanho
grossa, resistente e boa

Agenor disse aos amigos:
nem um de nós se aborrece
está feito o cesto e a corda
mas outra coisa carece
falta-se saber agora
dos três qual é o que desce

Agripino aí clamou
e ficou meditebundo
olhava para o buraco
via um abismo tão fundo
e disse logo: eu não desço
por todo ouro do mundo

Disse Maurilo: eu também
floo de fora e não entro
pode isso ser o inferno
quando eu chegar no centro
o diabo fechar a porta
e eu morrer queimado dentro

Agenor disse: eu desço
com a espada na mão
o que vier eu enfrento
alma, fantasma ou bução
se a corda não terminar
vou escoetar no porão

—Tenho estratégica de arma
sou musculoso e possante
eu de espada em punho
não vejo quem me espante
fantasma que não se esconda
reino que eu não desencante

—Quando eu descer no cesto
pra eu não me consumir
dou um sinal a vocês
pra quando eu quiser subir;
pego na corda e balanço
puxem que quero sair

—Está muito bom o sinal;
assim concordaram os três
Agenor disse: eu desço
confiando em vocês
quando balançar a corda
puxem o cesto duma vez

E cinquenta e cinco metros
desceu na escuridão
ai o cesto parou
Agenor disse então;
ou a corda terminou
ou eu cheguei no porão

De fato, não enganou-se
o que consigo pensou
era um salão majestoso
uma luz fina brilhou
as belezas que haviam
ali o admirou

Em frente havia um portão
de pilar bem construído
prêso por uma corrente
de aço fino polido
por cima um cadeado
de metal príncipe brunido

Tinha rios toalhadouros
cadeiras de finas malhas
torneiras e lavatórios
afiadores e navalhas
bacias e saboneteiras
jarros e porta-toalhas

Finas espreguiçadeiras
sofá e ventiladores
desenho, fotos, gravuras
champagnes, vinhos, licôras
espelhos e cristaleiras
relógios despertadores

Bancadas de mármore puro
de pilares arqueados
mesas para refeição
com pratos marmorizados
talheres de prata e ouro
de brilhantes cravejados

Cama das mais importantes
de madeira do Oriente
acolchoados de seda
por um sistema imponente
Agenor olhava tudo
mas não viu um só vivente

Agenor viu em um quarto
três gravuras desenhadas
e três princesas tão belas
que estavam ali retratadas
ali via-se os retratos
mas elas eram encantadas

Os retratos das princesas
eram de tal raridade
eram três corpos perfeitos
três rostos de santidade
eram três santas rezando
nos pés de uma divindade

Devido tanta beleza
Agenor ficou risonho
das três princesas a mais nova
tinha o semblante tristonho
disse êle: foi esta mesmo
que me apareceu em sonho

Agenor sentia fome
mas firme se conservava
ai ouviu uma vez
e uma sombra que passava
dizendo: venha jantar;
e nada mais lhe falava

Na mesa havia um cardápio
Agenor pensou pegá-lo
com êste dito assim:
«êste reino é um regalo
«será feliz o cristão
«que vier desencantá-lo»

Disse Agenor: sendo assim
vou ver se a sorte me quer
se não morrer eu descobro
tudo quanto aqui houver
sou moço estou preparado
para o que der e vier

Quando Agenor terminou
de fazer a refeição
viu abrir-se em sua frente
um grandioso portão
de dentro saiu um monstro
num bodejado do cão

Pergunta o monstro: quem foi
que deu-lhe o atrevimento
de transpor o que eu fiz
sem possuir elemento?
Agenor disse: cale-se
tipo rula e nojentoi

O monstro tinha as orelhas
compridas e acabacadas
a boca era uma cratera
as prêsas bem aguçadas
o dente menor do monstro
tinha doze polegadas

Torna o monstro a perguntar:
de onde vem, tipo imuado?
disse Agenor: é um homem
que veio do outro mundo
mas não seelta pilheria
de um tipo vagabundo

O monstro disse consigo:
 hoje aqui não sai-se bem
 da forma que é lá é cá:
 Agenor disse também:
 eu quero dar-lhe um pargante
 que ouaca dei a ninguém

Entre os 2 travou-se a luta
 cada qual com mais bravura
 disse Agenor: minha espada
 onde bate corta e fura
 doutor não passa remédio
 nem a medicina cura

-Sendo assim; disse o monstro
 pega mesmo do meu jeito
 meu alfange quando passa
 rasga da cabeça ao peito
 médico não tem valor
 remédio não tem efeito

Nisso uma vez feminina
 ouviu-se naquele abrigo
 dizia assim: Agenor
 livra-me deste inimigo
 que meu amor casto e puro
 eu juro partir contigo

Quando Agenor viu
 esse voz calma e fagueira
 firmou-se no pé direito
 deu-lhe um golpe na moleira
 e outra no coração
 e ali aquela porqueira

O monstro caiu morrendo
 mole que só uma papa
 disse Agenor: minha espada
 faz buraco e ninguém tapa
 passei o primeiro risco
 venci a primeira etapa

Quando o monstro caiu morto
 a voz lhe disse: Agenor
 és feliz porque mataste
 este monstro traidor
 já podes dizer que és
 herdeiro da meu amor

A mesma voz lhe dizia:
 não tem que se encomodar
 desse principio a vitória
 nada aqui há de faltar
 tome banho, troque de roupa
 e depois vá descansar

Agenor ouviu bater
 seis horas no carrilhão
 éle entrou no banheiro
 banhou-se a satisfação
 trocou de roupa e sentou-se
 na mesa da refeição

Depois da ceia, Agenor
 ouviu a mesma voz sonora
 dizer-lhe; é bom sair
 não convém fazer demora
 a sua cama está pronta
 vá dormir que já é hora

Agenor disse: ó Deus
 o que será que acontece?
 ouço a voz, não vejo o vulto
 do ente que me cohesel
 a voz disse: é muito cedo
 quando fôr tempo aparece

Agenor entrou ao quarto
 viu uma cama sem dono
 um cortinado de seda
 parecendo ser um troço
 destas que a gente se deita
 dorme sem estar sem sono

Quando Agenor deitou-se
 naquela cama macia
 a sombra de uma mão
 desligou a luz que havia
 o silêncio tomou conta
 do mistério que existia

Quando desligou a luz
 Agenor teve um sobroço
 porque sentiu o contato
 dum braço roliço e grosso
 e uma mão perfumada
 que passava em seu pescoço

Aí êle adormeceu
 até quando se acordou
 que braço grosso era aquele?
 foi logo o que se lembrou
 —E que mãe seria aquela
 que em meu pescoço passou?

—Que lugar misterioso
em tudo sem movimento!
aquí a brisa não passa
nem sequer forceja o vento
é certo que existe luz
mas não a do firmamento!

Agenor estava pensando
naquela situação
quando jogaram um anel
que bateu na sua mão
brilhava igual a uma estrela
de uma constelação

Era um grande talismã
gravado com 3 turquezas
e umas letras dizendo:
faça essas 3 defesas
risque o anel nos retratos
que desencanta as princesas

Ele pegou o anel
as 3 turquezas brilharam
riscou o anel nos quadros
todas três se transformaram
em três princesas tão belas
a seus pés se ajoelharam

A primeira era mais alta
chamava-se Eneida
a segunda era Odete
uma imagem divina
a caçula era a mais bela
justamente era Esmerina

Disse Esmerina: eu te vi
quando tu foste chegado
então cheguei transformada
te vi na pedra deitado
tu pensavas que era sonho
por fim estavas acordado

Disse Esmerina: Agenor
eu assisti o momento
em que mataste o monstro
sem ter esmorecimento
eu tirei o anel do dedo
segui pro meu aposento

- Per meio deste anel
que joguei na tua mão
o monstro nos transformou
sem a menor compaixão
enquanto o monstro com vida
ninguém aqui tinha ação

- Esse anel na minha mão
não tinha valor de nada
se eu riscasse os retratos
seria mais castigada
dobrava mais o encanto
ficava mais encantada

— O monstro matou meu pai
porque casar eu não quis
com esse ódio o monstro
transformou nosso país
nos encantou nos retratos
aquele instinto infeliz

— Estamos desencantadas
 a ti a vida devemos
 mas o reino está em pedras
 é toda riqueza que temos
 e pra desencantar tudo
 o mistério não sabemos

Disse Agenor: que importa
 de ter me sacrificado
 pra desencantar vocês
 sair daqui arrasado
 o teu amor, Esmerina
 vale por todo reinado

Porém Esmerina tinha
 quatro pedras de brilhante
 num cofreziinho de ouro
 cada mais interessante
 que trocadas por moedas
 dava uma soma importante

Disse Agenor: agora
 nós vamos sair daqui
 primeiro eu mando vocês
 naquele cesto ali
 depois eu por derradeiro
 vou subindo de persi

Com estas frases Esmerina
 beijou-o com mais poder
 e devido aquele beijo
 ser dado com tanto amor
 quase que deixava os lábios
 na cara de Agenor

Ele pegou Esmerina
sentiu um prazer infinito
botou-a dentro do cesto
ela sentou-se sorrindo
ai balançou a corda
lá vai o cesto subindo

Para encurtar a história
assim subiram as três
ê ele ficou esperando
com a sua placidez
porém leitor, Agenor
enganou-se dessa vez

Quando Agripino e Maurilo
viram aquelas feições
dizerem: são 3 imagens
que vêm de outras regiões!
uma maldade satânica
atacou-lhes os corações

Maurilo disse: Agripino
vamos levá las pra gente
não se desce mais o cesto
Agenor lá que se aguente
se êle quisesse princesa
tinha saído na frente

Disse Esmerina: Maurilo
não seja assim tão tirano
não deixe Agenor iloar
por nosso Deus soberano
quem tem um coração dêsse
prova que não é humano!

Matem a mim mas não deixem
êla em tal tirania
antes estivesse enoantada
para mim melhor seria
do que deixar Agenor
sofrendo tanta agonia

Mas êlas não atenderam
aquela reclamação
conduziram as 3 princezas
sem atenderem razão
elas choravam que as lágrimas
enodouva o chão

O cachorro de Agenor
amigo leal e fino
acompanhava as princezas
naquele bosque ferino
nuas perdeu o roteiro
de Maurilo e Agripino

Ficou Agenor ali
quase a perder o sentido
não viu o cesto descer
disse: já sei fui traído
por aqueles dois covardes
tudo que fiz foi perdido

O que Agenor encontrou
o leitor está ciente
quando as princezas saíram
mudou tudo de repente
transformou-se tudo em pedra
restava uma luz somente

Comida mais não havia
mesa mais não encontrou
cama desapareceu
êle aí desanimou
só lhe restava a ossada
do monstro que êle matou

— Infames! disse Agenor
morrerei neste castigo
ah! se eu inda soubesse
de dentro desse perigo
vocês pagavam-me caro
o que fizeram comigo

Nesse momento Agenor
uma grande porta viu
adiante era uma sala
de onde o monstro saiu
êle pegou a espada
para lá se dirigiu

A sala era onde o monstro
estava de noite e dia
era um grande reservado
que todo mistério havia
aonde havia dois líquidos
que ninguém os conhecia

Um líquido roxo, outro verde
em 2 vidros reservados
uma rotulagem fina
e todos dois bem selados
e as receitas ensinando
os seguintes resultados

O roxo dizia assim:
 se quer encontrar alguém
 jogue um pingo deste liquido
 naquilo que lhe coavém
 transforma qualquer reinado
 encanta tudo que tem

No liquido verde se lia
 o seguinte resultado:
 derrame um pingo dêste
 que onde for espalhado
 verá se desencantar
 tudo que está encantado

Dizia a mesma receita:
 esta água é muito fina
 mais ela só faz efeito
 como a receita ensina
 se os vidros forem abertos
 pela princesa Esmerina

Agenor leu a receita
 ficou muito desanimado
 —Esmerina aqui não está
 morrerel aqui trançado
 só vós, grande Deus, me salva
 dêste abismo desgraçado

Ora leitor, as princesas
 muito longe já estavam
 as lembranças de Agenor
 eram setas que furavam
 as saudades eram lágrimas
 que dos seus olhos rolavam

Porém 2 príncipes da Grécia
 traziam como sigilo
 uma embaixada e um rei
 nas margens do rio Nilo
 encontraram as 3 princesas
 com Agripino e Maurilo

Assim que as 3 princesas
 os 2 príncipes avistaram
 quase loucas e assim mesmo
 com eles se abraçaram
 os príncipes não esperavam
 com isso se admiraram

Os 2 covardes com raiva
 aos príncipes se dirigiram
 as princesas esmoreceram
 e sobre a terra caíram
 nisso a batalha engrossou
 e as espadas tiniram

Des príncipes não se sabia
 qual seria o mais forte
 se uma espada era boa
 a outra tinha bom corte
 já na Grécia eram chamados
 pela coluna da morte

O osborro de Agenor
 aos 2 príncipes ajudava
 partia para os covardes
 trincava os dentes e rosnavam
 aonde batia os dentes
 era um taco que arrancava

Dentro de poucos minutos
 estava terminada a luta
 os 2 covardes morreram
 na batalha absoluta
 tiveram a recompensa
 da ação péssima e bruta

Muito difícil era agora
 leitor, os príncipes encontrar
 aonde Agenor estava
 como podiam acertar?
 as princesas não sabiam
 o roteiro pra voltar

Ficaram as princesas salvas
 mas triste por outro lado
 elas contaram aos príncipes
 tudo quante foi passado
 dos covardes a tirania
 que haviam praticado

O cachorro festejava
 os príncipes com tal carinho
 pra onde estava Agenor
 ele botava o focinho
 como quem dizia: vamos
 que eu ensino o caminho

Disseram os príncipes: esse cão
 conhece bem o lugar
 aonde Agenor ficou
 ele é capaz de ensinar
 ele indo em nossa frente
 é muito fácil acertar

O cachorro ouvindo isto
 com os príncipes se abraçava
 lá perto das princesas
 cheirava o mato e pulava
 botava o focinho no chão
 na frente deles marchava

Os príncipes que viajavam
 em dois camelos torçosos
 montaram as 3 princesas
 com seus braços valerosos
 seguiram em busca da serra
 vencendo montes escabrosos

Gigante o velho cachorro
 não perdia a direção
 não falava mais latia
 dando uma compreensão
 que ia bem satisfeito
 cumprir a sua missão

Então os príncipes seguiram
 pelo cachorro guiados
 junto com as 3 princesas
 destros e bem animados
 cortando as relvas rasteiras
 dos campos aureolados

O horizonte surgia
 naqueles campos azuis
 nas terras da velha Ásia
 terra de fonte e de luz
 pátria da Família Santa
 aonde nasceu Jesus

Afinal com muitas léguas
 na viagem agonizante
 no ramalhar das palmeiras
 daquele bosque constante
 avistaram a dita pedra
 alva, grande e deslumbrante

O cachorro via a pedra
 tornou-se inda mais ativo
 aumentava mais o chôto
 no roteizo positivo
 talvez consigo dizendo:
 meu senhor inda está vivo?

Dall a poucos minutos
 da pedra se aproximaram
 devido a tanta beleza
 os príncipes se admiraram
 o cesto estava da forma
 que os covardes deixaram

Os príncipes desceram o cesto
 provando serem de bem;
 - Vocês não choram, princesas
 aporreio aqui não tem
 se Agener estiver vivo
 com tôda certeza vem

Agener coltado, estava
 com tôda lôrça abatida
 a sede secava os lábios
 a fome cortava a vida
 por felleidade a luz
 lhe iluminava a guarida

Nesse momento Agenor
 oprimido e sofrendo
 dizia: aqui merrerei
 neste sofrimento horrendo
 foi quando Agenor viu
 o grande cesto descendo

Quando Agenor viu o cesto
 na sua espada pegou
 como também os 2 líquidos
 e no cesto se sentou
 deu um vai e vem na corda
 quem estava em cima puxou

Agenor chegou em cima
 via a luz do sol brilhar
 conheceu logo Emerina
 disse: estarei a sonhar?
 a alegria de ambos
 não se podia calcular

O sacorro de Agenor
 que chamava-se gigante
 abraçava-o no pescoço
 dava pulo interessante
 lhe dando prova que era
 amigo firme e constante

Agenor perguntou a êles:
 o que foi que aconteceu
 com Agripino e Maurilo?
 Emerina respondeu:
 demore que vai saber
 tudo quanto aconteceu

Reuniram-se as princesas
todo passado contaram
as aflições dolorosas
os desgostos que passaram
e a grande felicidade
quando os fidalgos encontraram

-Olha, vêes aqueles príncipes?
foi a nossa salvação
vinha da Grécia ao Egito
cumprindo uma missão
entregarem uma embaixada
a um rei doutra nação

-Nós estávamos chorando
os príncipes apareceram
nós lhe pedimos socorro
e eles nos atenderam
aí travou-se uma luta
e os 2 covardes morreram

-Depois da luta os príncipes
vieram nos perguntar
se nós tínhamos noções
do roteiro pra voltar
nenhuma das 3 sabia
não podíamos ensinar

-Nesse momento o cachorro
solto um ulvo de dor
dando saber aos príncipes
que era conhecedor
e que sabia ensinar
onde estava seu senhor

Os príncipes vendo esta ação
seguiram rapidamente
dizeram: vamos, princesas
este cão ensina a gente
nós seguiremos atrás
e éle sempre na frente

— Até que chegamos aqui
o ade estava detido
se não fôsse esse cachorro
estava tudo perdido
não sabíamos voltar
e você tinha morrido

Agenor abraçou o cão
um dos amigos leais
curvou-se ante as princesas
dizendo: não sofro mais
e entregou a Esmerina
um dos líquidos colossais

Como também o anel
que éle tinha guardado
entregou a Esmerina
o talismã invejado
porque éle nas mãos dela
ia dar bom resultado

O vidro do liquido verde
Esmerina destampou
em cima da grande pedra
num canto e noutra pingou
tudo que estava encantado
ali se desencantou

Os príncipes se admiraram
 quando viram a raridade
 transformou-se aquela pedra
 em uma grande cidade
 sendo a mais rica e bonita
 encanto da moçada

Então o nome dos príncipes
 eu quero dizer aqui
 um do outro era irmão
 o mais velho era Nabl
 então o príncipe mais novo
 chamava-se Carobi

Numa grande catedral
 muito assada e fina
 casou Nabl com Odete
 Carobi com Enedina
 por derradeiro Agenor
 casou-se com Esmerina

Realizou-se o sonho
 que Agenor teve outrora
 acabou-se o sofrimento
 tudo ali era melhor
 floaram os 3 dominando
 o Reino da Branca Aurora

F I M — Juazeiro 30-8--1978

966
Tip. São Francisco

José Bernardo da Silva

Rua Sta. Luzia, 263-Juazeiro do Norte-Ce
Variado sortimento de romances folhetos e orações. Desconto aos revendedores

A G E N T E S :

EDSON PINTO DA SILVA

Mercado S. José-Compartimento N. 7
Recife — Pernambuco

BENEDITO ANTONIO DE MATOS

Café S. Miguel, dentro do Mercado Central — Fortaleza — Ceará

Exclusivo em Natal

ANTONIO EMÍDIO DA SILVA

Rua Cel. Estêvam, 1325 -- Natal-R.G.N.

Exclusivo para todo o Pará:

RAIMUNDO OLIVEIRA

Mercado de Ferro Aparador, 26
Belém — Pará

SEVERINO JOSÉ DOS SANTOS

Rua Eng. Paulo Lopes, 695—Lote 4
Bangu — Rio — GB

PIO JOSÉ DE ALMEIDA

Mercadinho Modelo, Box N. 6
Porto Velho -- terr. Fed. de Rondônia